

# POEMAS PARA SEREM LIDOS NAS POSSES DE PRESI- DENTES

ALBERTO PUCHEU



azougue 25 anos

Livros do Socavão

2019

P973f

Pucheu, Alberto, 1966-

Poemas para serem lidos na posse de presidentes / Alberto Pucheu. -

Rio de Janeiro, Beco do Azougue-Livros do Socavão, 2019.

ISBN 978857920229-2

1. Poesia Brasileira. I. Título.

CDD: 869.91

CDU 821.134.3(81)-1

**Projeto gráfico** Alberto Pucheu e Sergio Cohn

**Coleção Vale do Socavão**

**Estrada do Socavão s/n**

**apucheu@gmail.com**

**www.albertopucheu.com.br**

**https://www.facebook.com/alberto.pucheu**

**azougue 25 anos**

**www.azougue.com.br**

2019

**POEMA PARA SER LIDO  
NA POSSE DO PRESIDENTE 4**

**PARA QUÊ POETAS EM TEMPOS DE  
TERRORISMOS? 12**

**POEMA PARA SER LIDO ANTES  
DO SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES 22**

**P.S. – APESAR DE TUDO,  
A INSISTÊNCIA 48**

**POEMA  
PARA SER LIDO  
NA POSSE DO  
PRESIDENTE**

(2010)

Ando pela calçada da rua em que moro,  
em direção à Cobal, por exemplo,  
onde diariamente compro alguma coisa  
apenas para descansar um pouco do trabalho  
cotidiano que faço em casa, e,  
ao passar por uma pessoa, sou para ela  
o que ela é para mim: alguém  
que sobe ou desce uma rua, nada mais.  
Talvez, neste momento, eu seja  
também para mim e ela também para ela  
o que somos um para o outro: alguém  
que se esquece de onde está vindo  
e aonde está indo, de seu nome, de seu trabalho,  
alguém que sobe ou desce uma rua, nada mais.  
Ou algo mais, ou menos, não sei, que vai  
comendo o nome, o trabalho, o parentesco,  
as demandas que recaem sobre nós,  
largando-os pouco a pouco pelas latas de lixo  
penduradas nos postes, deixando-os cair  
ao meio-fio, por entre as rodas dos carros,  
cumprindo o destino comum de todos dejetos.  
Andando pelas calçadas, subindo-as  
ou descendo-as, indo ou voltando não importa

para onde ou de onde, enquanto andamos,  
desta vez não temos um encontro marcado  
com nós mesmos. Mais persistentes  
ou mais ausentes, mais barulhentas ou silenciosas,  
diversas vidas vêm e vão em um só corpo,  
aparecendo sempre alguma quando alguma  
é requisitada. Mas há momentos em que,  
entre a casa e os ofícios da cidade, entre  
qualquer compra, por exemplo, na Cobal,  
e o uso da compra ao chegar em casa,  
antes de qualquer contrato, de qualquer direito,  
de qualquer convenção, do livre arbítrio,  
do estado civil, antes do tamanho dos ossos,  
do formato da orelha, das impressões digitais  
dos dedos, das extensões do rosto, da fotografia  
em 3x4 ou em 5x7, das fotografias de frente  
e de perfil, antes das imagens exclusivas da íris  
e das retinas e dos escaneadores 3D,  
das câmeras que nos gravam nos bancos  
ou pelas ruas, antes dos DNAs guardados  
em algum arquivo nacional, antes da beleza  
e da feiúra, do código de barras na nuca  
– com o qual sonhei ontem – disponibilizando

os corpos a uma máquina que teimasse  
em reconhecê-los por um número qualquer  
pelo qual jamais nos reconheceríamos,  
antes desses e milhares de outros modos  
de sermos apreendidos, os ócios vazios  
de um corpo abandonado (uma vida nua  
ou um posto de pura distração  
em que os viventes se fazem esquecidos,  
ou quase isto) sobem e descem uma rua,  
nada mais. São corpos matáveis, como  
ao fim de uma partida de futebol,  
como durante um assalto, como na fila  
de um hospital, como por bala perdida  
ou certa da polícia e dos traficantes,  
como por acidentes, pelas drogas, pela fome...  
São corpos gloriosos, como durante  
uma partida de futebol, como durante  
uma semana de carnaval, como em um show  
de rock, em uma mesa de bar com amigos,  
em um mergulho diurno ou noturno no mar,  
como quando fazem amor ou quando,  
mesmo sem o fazerem, se amam  
ao longo da vida ou por apenas

alguns instantes. São corpos dúbios,  
quando dançam o funk sob a mira  
dos AR-15, quando fogem dos tiros  
saltando atleticamente por telhados,  
caixas d'água, correndo por becos,  
quando se explodem na terra ou no ar  
contra o concreto de um edifício  
ou quando se jogam das alturas  
do mesmo edifício. São corpos funcionais,  
como nas caixas lotadas dos supermercados,  
dentro das britadeiras fritados sobre o asfalto  
do sol, dentro da cozinha da minha casa,  
ao meu ouvido, na central de telemarketing.  
São corpos... São corpos que, em algum momento,  
esquecidos, anônimos, sobem e descem uma rua,  
nada mais. Subindo ou descendo uma rua,  
atestamos então este hiato de desconhecimento  
entre o corpo abandonado e as diversas vidas  
que o tentam colonizar, entre a vida nua  
e as vestimentas vivas que a recobrem,  
entre a vida crua e o que dela pode ser cozido,  
entre a vida aberta e a vida vivida. Atestamos  
a fenda deste hiato, uns emigrantes da distância



neste hiato de que não podemos nos afastar,  
uns estrangeiros, uns viajantes, uns forasteiros,  
uns gringos, uns bárbaros neste espaço  
que se serve das palavras para falar  
em uma língua estrangeira, uns índios  
neste espaço, nesta picada, nesta clareira,  
uns berberes e o vão do deserto esgarçando  
os berberes, uns esquimós e o vazio da neve  
ampliando os esquimós, uns pescadores  
dispersos pela luz, tragados por este espaço  
diluído entre a areia e os sóis dos Lençóis,  
o espaço em que o explosivo queima  
entre a genitália e a cueca do nigeriano  
no avião. Atestamos este espaço das palavras  
que se servem das palavras para falar.  
Apátridas, não temos por pátria a língua portuguesa  
nem outra nos seria natural. Nascemos  
sem língua, abertos a qualquer jargão  
que em nós quisesse se desdobrar, nascemos  
sem povo, abertos a qualquer bando  
que em nós quisesse se desdobrar,  
nascemos sem lei, uns bandidos, uns canhotos,  
uns lobisomens, uns burros, uns jumentos,

umas vacas, umas piranhas, uns veados,  
umas éguas, umas antas, uns porcos,  
umas mulas, umas bestas, umas baleias,  
umas cachorras, uns tubarões, uns animais,  
uns bichos, umas bichas, umas feras,  
uns selvagens, uns fora-da-lei  
abandonados a qualquer lei  
que nos pudesse governar, abandonados  
a qualquer lei que tivéssemos de desregrar.  
Sobreviventes, descendemos de uma classe  
de épocas perigosas praticamente esquecidas,  
exilada da cidade dentro da cidade,  
e, mesmo que ser, estar, saudade, cidade,  
floresta, rio, mar, sertão, natureza  
e outras palavras nos digam intimamente respeito,  
navegamos, apátridas, a abertura, o sem,  
o não, o nem, o a- que não nos largam.  
Por mais que não queiram, trazemos conosco  
os espaços vazios a distorcerem as possibilidades  
que cotidianamente se oferecem  
do que nós somos, do que é a água  
do rio, do mar, da cidade, do país,  
do mundo, e, por mais que não queiram,

nossa saliva é o suor das palavras não-ditas,  
e, por mais que não queiram,  
misturamos o separado, trazemos conosco  
a cidade e a natureza ferina, a poesia  
do dedo que falta na mão do presidente.

**PARA QUÊ  
POETAS EM  
TEMPOS DE  
TERRORISMOS?**

(2016)

na disputa entre o estado e o terrorismo,  
na conciliação do estado com as empresas  
pelo lucro do capital acima de tudo,  
na sobreposição do templo com o banco  
dispondo a cada momento da fé ou do crédito  
de todo exército com as armas em sua defesa,  
na definição do dinheiro (que já foi chamado  
de homem) como o único animal que bombardeia,  
fico com as pessoas comuns, quaisquer,  
com os rios, os bichos e as matas, com os que sentem  
na pele até não serem mais capazes de sentir.  
terrorista, hoje, é o outro, o que, coisificado, escapa  
às diversas escalas, maiores ou menores,  
da época do pau de selfie que vivemos,  
terrorista, hoje, repito, é o outro, o inferno  
do outro, o outro enquanto inferno, terror.  
abrir as portas para o mais próximo, para o mais  
parecido, para o semelhante, é um gesto belo  
e necessário, mas é pouco quando, ao mesmo tempo,  
o outro, quem quer que seja o outro,  
o outro mesmo, o tido como o mais distante,  
é trancafiado do lado de fora, bombardeado,  
e, antes, fabricado para ser exatamente o outro

a ser atacado, para dizer que o ato do outro  
fabricado é um ato de guerra, un act de guerre,  
an act of war, contra isso que nós somos,  
contre ce que nous sommes, sendo que isso  
que nós somos é imposto como  
toda humanidade e os valores universais,  
all humanity and the universal values,  
como eles disseram com cinco  
anos de intervalo ou ao mesmo tempo  
na mesma fala ensaiada na mesma língua  
de guerra, do aniquilamento do outro, que falam.  
it's war, baby, c'est la guerre, mon amour,  
la france est en guerre, america is at war,  
vamos tomar um champanhe com os diretores  
da samarco, da billiton, da vale do rio doce,  
do jornal o globo, comprar todos eles,  
a maioria dos políticos e sair o quanto antes  
com a petrobrax (e com o que mais der)  
debaixo do braço, c'est la guerre, ma cherie,  
it's war, darling, nós, os civilizados,  
declaramos “guerre aux barbares”,  
gozemos então sinistramente com as mortes  
dos outros, somos franceses, somos americanos,

somos franceses, somos americanos, somos franceses, somos nós, somos... que ninguém pergunte pela porra disso que nós somos porque talvez não sejamos mais porra nenhuma. é guerra. é guerra, declara o estado, no mesmo impulso colonialista de sempre, é guerra, declaram os estados, favorecendo-se irresponsavelmente a si mesmos, forjando um laço interessado com a opinião pública midiática, quando, no fundo, coloca-se, com a mídia, autoritário, entre uma pessoa qualquer e outra, entre uma pessoa qualquer e a vida e o mundo, entre uma pessoa qualquer e si mesma, escondendo-se ali e ali atuando, eis a guerra, o espetáculo de hoje, o rompimento de todos laços sociais e de intimidade. eis a guerra. é guerra por lá, é guerra declarada por aqui, o crápula criminoso do presidente da câmara declara guerra à presidenta da república (e a todos os cidadãos que participaram de sua eleição) aceitando um pedido de impeachment forjado para tentar se livrar das milhares de acusações comprovadas dentro e fora do país contra ele, chantageando-a, chantageando-nos

e parando toda movimentação política  
propositiva, dizendo, ainda, com desfaçatez,  
que não faço o pedido de impeachment  
por nenhuma motivação de natureza política,  
é guerra, eis a guerra, o líder do partido  
da presidenta na câmara declara em seguida  
que vamos para a guerra, é guerra, eis a guerra,  
o presidente de um movimento popular  
diz que seu exército está pronto para ir às ruas,  
é guerra, eis a guerra, a polícia executa cinco jovens  
negros que comemoravam o primeiro emprego  
de um deles com 111 tiros metralhados,  
com 111 tiros fuzilados, contra o carro  
em que estavam, contra seus corpos  
e contra suas vidas, porque negro jovem não pode  
viver neste país que mata 84 negros por dia,  
a maioria jovem, guerre aux barbares. é guerra.  
é guerre aux barbares. é guerra, eis a guerra,  
a polícia do governador de são paulo  
solta bombas, sprays de pimenta, cassetadas,  
porradas, tiros e o que mais houver  
de horror nos estudantes adolescentes de escolas  
públicas (les barbares) que se manifestam



contra o fim da escola pública, contra o fechamento de 94 escolas públicas decretado pelo governador e o governador diz que há motivação política por detrás da ocupação das escolas pelos alunos, mostrando que motivação política não pode mais haver no estado de polícia, no estado de guerra, exatamente a mesma compreensão de política do presidente da câmara, ou seja, de novo, de que não pode haver política, apenas a instauração da era do fim da política, do início da era da era da polícia, é guerra, eis a guerra, o chefe de gabinete da secretaria estadual de educação de são paulo afirma que a situação com os alunos adolescentes é de guerra e que o governo vai desmoralizar e desqualificar o movimento estudantil na base da porrada e da violência generalizada. é guerra. é guerra por lá, por aqui, por aí, por sei lá onde, por toda parte. o oriente é terrorista, a áfrica é terrorista, a natureza é terrorista, manifestantes são terroristas, professores são terroristas, alunos são terroristas, educação é terrorista,

bebês são terroristas, negros são terroristas,  
pobres são terroristas, índios são terroristas,  
catadores de latas são terroristas,  
travestis são terroristas, transexuais  
são terroristas, mulatos, albinos e mosquitos  
são terroristas, mulheres são terroristas,  
homens são terroristas, como são terroristas...  
hoje, em qualquer lugar do mundo,  
terrorista é o outro, quem quer que seja  
o outro, você, quem quer que você seja,  
o outro, mesmo que o outro no meio de nós  
e o outro em cada um de nós. somos todos,  
as pessoas comuns, quaisquer, terroristas.  
para quê poetas em tempos de terrorismos?  
para quê poetas em tempos de terrorismo  
religioso de todos os lados do planeta? para quê  
poetas em tempos de terrorismo da verdade  
plena e integralmente revelada? para quê poetas  
em tempos de terrorismo midiático? para quê  
poetas em tempos de terrorismo econômico?  
para quê poetas em tempos de terrorismos?  
o último poeta morreu em 1914, ele disse.  
não há mais poetas, os poetas morreram.

sobrevivemos, destroçados, em pequenas comunidades que nem comunidades são, sobrevivemos esquecidos em nossas solidões, sobrevivemos impotentes diante dos terrorismos de todos os dias, diante dos micros e dos macros terrorismos, sobrevivemos, de algum modo (ainda que não nos matem nem nos prendam e que nos deixem ter, ao menos a alguns de nós e por outros motivos que não a poesia, algum dinheiro para sobreviver), sobrevivemos, de algum modo, então, como os índios, como os garotos do tráfico, como os homens-bombas, como os enlameados, como os mortos pelo tráfico, como os mortos pelos homens-bombas, como os mortos e desabrigados pelas mineradoras... mas nunca como os donos do tráfico, das indústrias bélicas, dos estados, dos que levam os homens-bombas a se tornarem homens-bombas (afinal, ninguém nasce homem-bomba como ninguém nasce poeta).

o que sobrou para nós foi a nossa impotência, o último reduto de uma força – frágil – crítica – que podemos ter, a que pode mostrar como poucas outras os poderes estabelecidos

que nos assolam. enquanto nossos fantasmas  
ainda se fazem, de algum modo, percebidos,  
ao menos por nós mesmos e por um ou outro  
que não fazemos ideia de quem seja,  
seguimos como conseguimos seguir,  
porque também os fantasmas  
que somos, que já buscamos  
algum tipo de pertencimento,  
buscamos, agora, somente o que fazer  
com o quase total despertencimento  
em que nos encontramos no mundo atual.



**POEMA PARA  
SER LIDO  
ANTES DO  
SEGUNDO  
TURNOS DAS  
ELEIÇÕES**

(2018)

amanhã não será um dia melhor  
do que hoje, que não é um dia  
melhor do que ontem. há um  
sentimento fúnebre no ar,  
de quem tem vivenciado  
uma morte após outra morte,  
a morte de quem vivencia,  
antecipadamente, mais uma  
morte, a última delas, a morte  
após a própria morte, a morte  
da qual não se tem retorno,  
a morte da qual os mortos  
não voltam dela para a vida,  
a morte da qual os mortos  
não voltam vivos,  
a morte a que apenas os vivos  
se encaminham para ela  
sem jamais poder voltar,  
a morte da qual não se tem  
histórias para contar nem  
poemas para se fazer,  
não a morte simbólica,  
mas a outra, a morte real,

a experiência final da morte  
em vida, da qual sobrevivemos,  
se tanto, ainda que neste mundo,  
apenas enquanto fantasmas  
desossados, descarnados,  
desfigurados, que berram  
na tentativa – hoje impossível,  
fracassada – de evitar a morte  
em morte, de evitar, a todo custo,  
a morte em vida. berramos em vão.  
não assustamos mais ninguém  
com nossos berros; são eles, antes,  
os inassustáveis, que nos assustam.  
a cada momento, tentamos aprender  
o a que somos obrigados, tentamos  
aprender a fazer, fantasmaticamente,  
o improvável luto de nossas  
próprias, impróprias, mortes,  
o que, quando conseguimos,  
é tão somente de um modo  
individual, jamais coletivamente.  
nunca aprendemos a fazer  
o luto coletivo do que matou



e torturou e matou e torturou  
e matou muitos de nós, nunca  
aprendemos a fazer a luta coletiva  
contra nossa história de horror,  
que permanece torturando e matando.  
os torturadores e assassinos  
estão vivos, viveram em família  
sem ser incomodados nem ter  
suas famílias incomodadas,  
os militares, digo, os torturadores,  
digo, os assassinos, que ainda falam  
em nome da família e de deus,  
viraram nomes de ruas, pontes,  
cidades até se lançarem de novo,  
após o golpe, ao posto da presidência  
e da vice-presidência da república  
e, dessa vez, com o amplo apoio  
das pessoas, com o apoio do fascismo  
que há nas pessoas, forjado  
por propagandas enganosas  
da grande mídia e fake news  
compradas pelas grandes empresas  
de outras grandes empresas

que governam o mundo,  
as pessoas e os países do mundo.  
sim, você já disse, tudo  
está às claras, explícito  
desvelado, sem véus, descarado,  
às caras e às claras, o mundo  
vai mal. antes de ontem, krenak,  
mostrando sua preocupação conosco,  
que, em relação aos índios,  
sempre tivemos no lugar  
dos soberanos e não dos matáveis,  
estava certo ao ter dito em Portugal  
que “somos índios, resistimos  
há 500 anos. fico preocupado  
é se os brancos vão resistir”.  
enquanto nós, que os matamos,  
tentamos aprender a resistir,  
eles, que resistiram (como me dói  
escrever esse “nós” e “eles”  
aí de cima), eles que resistiram  
mesmo com todas as perdas  
que tiveram, eles que resistiram  
exatamente por todas as perdas

que tiveram, eles que resistiram  
a nós, eles, os que resistiram,  
os que sobreviveram, os sobreviventes,  
sabem como resistir melhor  
do que nós, soberanos destronados  
por outros muito mais soberanos.  
alguns de nós ainda  
nos perguntamos “como resistir  
hoje?”, “como resistir?”,  
como resistiremos?, se, a cada  
vez, que alguém grita  
“não passarão”, não temos  
como não pensar, repetidamente,  
que já passaram e continuam  
dia a dia passando com frequência  
e força sempre desmesuradamente  
maiores? “como resistir  
hoje?”, “como resistir?”, assim,  
por ocasião do golpe, intitulamos  
um e outro evento que criamos,  
e, de lá para cá, a pergunta  
segue, irrespondível, apontando  
nosso fracasso em respondê-la

de modo eficaz. não sei se,  
de fato, resistimos, sei que insistimos  
com o que nos move e insistir  
com o desejo que nos move  
pode ser que seja resistir. krenak  
está certo: sobreviveremos?  
Insistiremos? resistiremos?  
obrigado, krenak, pela preocupação  
conosco que não nos preocupamos  
com vocês. nesse momento,  
é importante dizer que a poesia  
não é uma arma contra o autoritarismo,  
mas o nítido desejo de desarmar  
o autoritarismo. desarme este  
afim ao fato de que a democracia  
tem de estabelecer seu limite:  
limitar os que querem acabar  
com a democracia em nome  
do autoritarismo ou da ditadura,  
desarmá-los. desarmamos, portanto,  
ao menos, e para quase ninguém,  
mas desarmamos, portanto, ao menos,  
desde nossa impotência radical,

um de seus modos, um dos modos  
do autoritarismo, um dos modos  
do fascismo, o da língua.  
amanhã não será um dia melhor  
do que hoje, que não é um dia  
melhor do que ontem. nenhum  
saudosismo à vista, mas o fato  
é que, poucos anos atrás,  
foi possível um recomeço  
para nós, para um país  
que vivera 21 anos sob  
governo militar, sob tortura,  
sob assassinatos, a que agora  
se quer, declarada e cinicamente,  
voltar. ontem, o candidato  
mais votado no primeiro turno  
das eleições para presidente,  
depois de já ter dito e repetido  
que “eu sou favorável à tortura,  
tu sabes disso, e o povo também  
é favorável à tortura”, que “através  
do voto você não vai mudar nada  
nesse país, nada, absolutamente

nada, só vai mudar, infelizmente,  
no dia que nós partirmos  
para uma guerra civil aqui dentro,  
e fazendo o trabalho  
que o regime militar não fez,  
matando uns 30 mil, começando  
com fhc... não deixar pra fora  
não... matando, se vai morrer  
alguns inocentes, tudo bem”, que  
“o erro da ditadura foi torturar  
e não matar”, que “Pinochet  
devia ter matado mais gente”,  
que “vamos fuzilar a petralhada”,  
ontem ele disse que o objetivo  
de seu governo é fazer  
com que o brasil volte  
40 ou 50 anos, ou seja, para  
os piores anos da ditadura militar,  
para os porões, para os calabouços  
mais sombrios da ditadura militar.  
para quem não sabe, para quem  
não viu, não leu, não ouviu,  
para quem não quer saber,

para quem não quer ver,  
para quem não quer ler,  
para quem não quer ouvir,  
para quem não quer cheirar  
o que está, fortemente, pelo ar,  
saiba, entretanto, que são muitos  
os testemunhos de tal tempo,  
do tempo da ditadura militar.  
como o de Eny Moreira, advogada:  
“Dia 10 de novembro de 1972,  
no Jornal Nacional, o Cid Moreira  
lê uma nota oficial do Primeiro Exército  
dando conta de que ‘foi morta,  
num tiroteio, a terrorista Aurora Maria  
Nascimento Furtado’, e,  
de manhã cedo, no dia seguinte,  
a família me liga e me pede  
para ver se eu conseguia  
liberar o corpo. Eu fui ao Exército,  
o Exército disse que era no Dops,  
eu fui para o Dops, disseram  
que não era lá e, quando eu descia  
do elevador, um policial,

que me conhecia das tantas idas,  
me disse 'ó, o corpo estava  
no IML, mas já foi para o cemitério  
do Caju. Eu fui para lá. Cheguei lá  
estava a Dirce Drach. Dirce Drach  
é uma advogada, que trabalhou com  
Lino Machado. Quando eu cheguei,  
a Aurora estava já no caixão... Gente,  
é muito difícil lembrar isso. Nela,  
foi posto um pano branco, rasgado  
aqui para imitar um vestido.  
A gente foi cobrindo de flores,  
ela tinha um olho saltado, o outro  
completamente preto,  
um afundamento... Um afundamento  
no maxilar, uma fratura exposta  
no braço, mordidas pelo corpo,  
não tinha unha nem bico de peito.  
O cabelo dela era liso. Ela tinha 26  
anos, branquinha, eu tinha a mesma  
idade dela. O cabelo dela liso  
assim e tinha uma franja  
que tinha sido cortada



em cima da sombrancelha  
toda irregular. Eu fiz um gesto,  
desse gesto de carinho  
que você faz em criança,  
passando a mão assim...  
Quando eu passei a mão,  
que o cabelo levantou,  
meu dedo afundou. Eu  
comecei a mexer no cabelo.  
Eles tinham... A última  
coisa que fizeram com ela  
foi apertar um torniquete –  
por isso que ela tinha  
um olho saltado. Quer dizer,  
a única prova é a minha palavra  
e a da Dirce. O pior disso é  
que eu tenho certeza que  
os homens que fizeram isso  
com ela eram os mesmos  
que estavam lá até a ambulância  
sair com o corpo dela pra  
São Paulo. A gente tratou  
de botar muita flor nela

para ver se os pais  
não percebiam. Desculpa”.  
como o de Cecília Coimbra:  
“Uma das coisas que era comum,  
quando prendiam um casal  
junto, era levar um e outro  
para ver o outro ser torturado.  
Então, me levaram algumas vezes  
para ver Novaes ser torturado...  
É uma coisa difícil pra gente, né,  
falar disso. E os requintes  
de crueldade que fazem  
com a mulher. Frequentemente,  
a gente era colocada nua,  
molhada, o molhar era para que  
os choques fossem mais intensos,  
os choques elétricos, na boca,  
no seio, na vagina, na orelha,  
no nariz... A crueldade chegou  
de terem um filhote de jacaré  
lá no Doi-Codi, que eles puxavam  
com uma corda no pescoço,  
esse filhote de jacaré. Eu fui

uma noite, não lembro se era noite  
ou se era dia, eu fui levada  
para sala ao lado da sala de tortura,  
me botaram nua, me amarraram  
numa cadeira e botaram o jacaré  
passando pelo meu corpo.  
Eu acreditei que o meu filho  
tinha sido entregue ao juizado  
de menores, eles me fizeram acreditar  
nisso. Meu filho tinha 3 anos e meio,  
o José Ricardo, e eu caí na armadilha,  
porque acreditei mesmo, porque eu vi  
todos os meus irmãos presos  
e meus irmãos não tinham nenhuma  
militância política. Eles invadiram  
a casa da minha mãe, prenderam  
meus irmãos, minha cunhada,  
que estava fazendo um mês  
de casada com meu irmão,  
eu acreditei que minha mãe  
estivesse presa, eles, inclusive,  
brincaram, de gozação, diziam  
'a Maria Guerrilheira', porque

minha mãe se chamava Maria.  
Depois eu vim a saber que  
as únicas pessoas que não  
foram presas foram minha mãe,  
meu filho de três anos e meio  
e meu irmão, Custódio  
Coimbra, que era menor  
de idade, tinha 14 anos  
na época”. Escutemos  
mais uma vez, em um retorno  
que rememora pela diferença,  
a memória de Cecília Coimbra:  
“Em agosto de 1970, fui presa  
e levada para o DOPS/RJ.  
Dois dias depois, algemada  
e encapuzada, fui para  
o DOI-CODI/RJ, no quartel  
da Polícia do Exército,  
à Rua Barão de Mesquita,  
na Tijuca. Falar daqueles  
três meses em que fiquei  
detida incomunicável  
sem um único banho

de sol ou qualquer outro  
tipo de exercício é falar  
de uma viagem ao inferno:  
dos suplícios físicos  
e psíquicos, dos sentimentos  
de desamparo, solidão, medo,  
pânico, abandono, desespero.  
A tortura não quer 'fazer' falar,  
ela pretende calar  
e é justamente essa a terrível  
situação: através da dor,  
da humilhação e da degradação  
tentam transformar-nos  
em coisa, em objeto.  
Em especial, a tortura  
perpetrada à mulher  
é violentamente machista.  
Inicialmente são os xingamentos,  
as palavras ofensivas  
e de baixo calão ditas agressiva  
e violentamente  
como forma de nos anular.  
Chegando ao DOI-CODI/RJ,

fui levada encapuzada  
para o andar térreo,  
para uma sala: a sala de torturas,  
conhecida como 'sala roxa'.  
De capuz, tive minhas roupas  
arrancadas e meu corpo molhado.  
Fios foram colocados  
e senti os choques elétricos:  
no bico dos seios, vagina, boca,  
orelha e por todo o corpo.  
Gritavam palavrões e improperios,  
chutavam-me. Exigiam-me,  
através das torturas, que eu falasse  
o que não sabia! No dia seguinte,  
não sei precisar bem, fui  
novamente levada  
para a sala de tortura  
e lá assisti parte da tortura  
que meu marido sofria:  
choques elétricos  
em todo o seu corpo.  
Seus gritos acompanharam-me  
durante anos. Era muito comum

esta tática  
quando algum casal era preso,  
além de se tentar jogar um  
contra o outro em função  
de informações que pseudamente  
algum teria passado  
para os torturadores...  
'Será mesmo que ele falou isso?'  
Era necessário um esforço  
muito grande  
para não sucumbirmos...  
'Se falou está louco!'  
era o meu argumento,  
repetido à exaustão.  
Continuavam querendo saber  
sobre o sequestro do embaixador  
alemão. Fui novamente despida,  
e colocada numa sala  
que ficava ao lado da de torturas.  
Fui amarrada numa cadeira  
e colocaram um filhote de jacaré  
sobre meu corpo. Desmaiei.  
Os guardas que me levavam,

sempre encapuzada, constantemente  
praticavam vários abusos sexuais...  
Os choques elétricos no meu corpo  
nu e molhado  
eram cada vez mais intensos...  
Eu me sentia desintegrar:  
a bexiga e o ânus sem nenhum controle...  
'Isso não pode estar acontecendo:  
é um pesadelo... Eu não estou aqui...',  
pensava eu. O filhote de jacaré  
com sua pele gelada e pegajosa  
percorrendo meu corpo...  
'E se me colocam a cobra,  
como estão gritando que farão?'...  
Perco os sentidos, desmaio.  
Numa madrugada fui retirada  
da cela, levada para o pátio,  
amarrada, algemada  
e encapuzada... Aos gritos  
diziam que ia ser executada  
e levada para ser 'desovada'  
como em um 'trabalho'  
do Esquadrão da Morte...



Acreditei... Naquele momento  
morri um pouco... Em silêncio,  
aterrorizada, me urinei...  
Aos berros, riram e me levaram  
de volta à cela... Parece que,  
naquela noite, não tinham  
muito 'trabalho' a fazer ...  
Precisavam se ocupar".  
a partir de agora, mesmo  
que nada adiante dizer  
para quem está surdo,  
é preciso dizer que o futuro  
é o passado, que o que está  
à frente é o que está atrás  
40 ou 50 anos, a partir  
de agora, tudo é o fim,  
tudo é pior do que o fim,  
pois um fim que nem virá  
a acontecer enquanto fim,  
ou que virá apenas  
enquanto o dia seguinte  
do fim, a sobrevivência  
fantasmática, desossada,

descarnada, desfigurada,  
diária, frente ao pior,  
ao mais do que pior.  
hoje, a uma semana  
do segundo turno das eleições,  
ele ainda disse, repetindo  
publicamente o que nenhuma  
instituição lhe limita dizer  
nem o limitará a fazer:  
“vamos fazer uma limpeza  
nunca vista na história  
desse brasil”, “vamos varrer  
do mapa esses bandidos  
vermelhos do brasil”,  
“essa turma, se quiser ficar  
aqui, vai ter que se colocar  
sob a lei de todos nós.  
ou vão para fora ou vão  
para a cadeia. vai tudo vocês  
para a ponta da praia”.  
“ponta da praia”, vocês  
sabem, é a base da marinha  
na restinga de marambaia,

aqui no rio de janeiro mesmo,  
onde os opositores da ditadura  
militar eram executados  
e desovados. tudo isso  
começou há muito tempo,  
tudo isso começou  
com a escravidão,  
tudo isso certamente  
atravessou muitos  
de nossos momentos,  
mas, mais recentemente,  
tudo isso de algum modo  
recomeçou (seriam diversos  
tais recomeços) naquele  
17 de abril de 2016,  
o dia em que o pior do brasil  
se expôs pública  
e espetacularizadamente  
sem qualquer escrúpulo,  
programadamente num dia  
de domingo, em nome das famílias  
dos deputados, em nome  
de deus, em nome de qualquer

coisa, menos em nome  
do que ali deveria interessar...  
e ele, ali, como outros  
dentre os piores, deu seu voto  
a favor do impeachment  
de Dilma Rousseff, dizendo  
o que não, o que  
de maneira alguma  
poderia ser permitido  
de ser dito: “pela memória do coronel Carlos Alber-  
to Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo  
exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil  
acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto  
é sim”.

no elogio ao torturador  
da presidenta da república  
(e de tantos outros quaisquer),  
em plena câmara dos deputados,  
televisionado em espetáculo  
para todo o país,  
no elogio do torturador  
conhecido por, além de tudo o mais,  
colocar ratos

nas vaginas das mulheres,  
conhecido por fazer crianças  
assistirem seus pais  
sendo torturados,  
conhecido por torturar as crianças  
na frente de seus pais,  
quando ele deveria ter saído  
dali preso, mas não saiu,  
o ilimitado do autoritarismo  
brasileiro não encontrou  
mais nenhuma limitação.  
naquele dia, com essa  
e outras falas, seguidamente,  
terríveis, mesmo para nós,  
que sempre soubemos  
dos nossos piores dias,  
aquele dia foi o dia do pior  
do que o pior. de lá para cá,  
temos berrado em vão,  
em vão, berramos quando  
depuseram injustamente  
a presidenta mulher e ex-  
guerrilheira, berramos

quando prenderam injustamente  
o ex-presidente operário  
para ele não ser eleito,  
berramos contra o supremo  
e, agora, contra o tse.  
não assustamos mais ninguém  
com nossos berros; são eles,  
antes, os inassustáveis,  
que diariamente nos assustam.  
de lá para cá, tudo só vem piorando  
ainda mais, com o pleno consentimento  
de pessoas, dos poderes  
institucionais, com o supremo,  
com tudo, com o tse, com tudo,  
com os ministros, com tudo,  
com o presidente, com tudo,  
que teimam em dizer,  
que tudo está funcionando  
normalmente, que o brasil  
está funcionando normalmente.  
não, ele não está funcionando  
normalmente, não, #elenão.



**P.S. – APESAR  
DE TUDO,  
A INSISTÊNCIA**

(2018)



sou feito de nervos, carne,  
assombros, e muito do que olho  
me intoxica. não é difícil olhar  
à minha volta – difícil  
é ver o que olho.  
diante das notícias falsas,  
dos falsos sinais,  
das placas enganosas  
por todos os lados  
a revestirem direções  
já totalmente imprecisas,  
difícil, mesmo impossível,  
acertar qualquer localização,  
qualquer rota, qualquer  
destino. é preciso aprender  
que não há mais  
nenhuma localização, nenhuma rota,  
nenhum destino  
aonde se possa ir  
ou chegar. não há mais  
nenhuma revolução à vista,  
nenhuma utopia e nem sei se,  
por onde perambulo

enceguecido, existe uma saída  
esquecida ou a ser criada.  
por mais que eu tente,  
minha voz não coincide  
com o lugar em que estou,  
me levando a falar  
da não coincidência  
entre a voz, que desconheço,  
e o lugar, que igualmente  
desconheço. nesse cotidiano  
sem rumo  
em que vacilo, nada  
que valha a pena  
ser comunicado, mas,  
enquanto não me canso,  
enquanto ainda estou aqui,  
digo apenas algumas coisas  
para dar voz  
à perdição, dizendo  
que, apesar de tudo,  
como quem não cessa  
de persegui-lo, sigo  
no impasse de buscar

o real, inalcançável.  
sustentar esse impasse  
me parece o mais  
importante, o decisivo,  
o de que não se pode  
abrir mão. talvez seja  
este o meu erro. nessa tensão  
complexa entre os arranjos  
das palavras e as coisas,  
entre eles e o que se passa  
por aí, nesse paradoxo  
inultrapassável  
porém irrecusável,  
a linguagem muitas vezes  
me afeta de maneira irreversível,  
levando-me aonde não iria  
sem ela. se, às vezes,  
a palavra resistência  
me parece surrada, usada  
para dizer aquilo  
que não está  
à altura do que nomeia,  
sigo nessa insistência. escrevo

apenas o que está perdido,  
deixando o testemunho  
dessa quase cegueira.  
mesmo se houvesse  
guia e se o escolhido  
fosse ninguém menos  
do que o mais experiente  
dos guias do passado  
(no presente, como se sabe,  
não há mais guias), eu  
– nem ele, o guia –  
não acertaria o caminho,  
que nem existe mais.



Nascido em 1966, Alberto Pucheu é poeta, ensaísta e professor de Teoria Literária da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Além de ter mantido o blog “O cuidado da poesia; poemas do e para o nosso tempo” durante meses no site da Revista Cult e de ter preparado um dossiê sobre poesia contemporânea para a mesma revista, foi o curador do primeiro número da revista *Cult Antologia Poética*, saída em setembro de 2019. Como poeta, publicou, entre outros, *A fronteira desguarnecida; Poesia Reunida 1993-2007* (Azougue Editorial, 2007); *mais cotidiano que o cotidiano* (Azougue Editorial/FAPERJ, 2013); *Designação provisória*, com Victor Heringer (Luna Parque, 2015); *Para que poetas em tempos de terrorismos?* (Azougue Editorial, 2017). Como ensaísta, publicou, entre outros, *Pelo colorido, para além do cinzento; a literatura e seus entornos interventivos* (Azougue Editorial/FAPERJ, 2007); *Giorgio Agamben: poesia, filosofia, crítica* (Azougue Editorial/FAPERJ, 2010); *O amante da literatura* (Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2010); *apoesia contemporânea* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial/CAPES, 2014); *Kafka poeta* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2015);

*Que porra é essa – poesia?* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2018). Organizou vários livros e periódicos acadêmicos. Em 2011, sob a curadoria de Alberto Sariva, realizou a instalação *Palavras*, na Oi Futuro de Ipanema. Fez os documentários *Leonardo Fróes: um animal na montanha*, *Vicente Franz Cecim: um animal na floresta*, a série *Autobiografias poético-políticas* (1. André Luiz Pinto: Prazer, esse sou eu; 2. Tatiana Pequeno: muambas e bombas para o nosso tempo; 3. Bruna Mitrano: a 70km do mar; 4. Danielle Magalhães: carta aos sobreviventes; 5. Autobiografias poético-políticas) e *Carlos de Assumpção: Protesto*.

esses poemas foram escritos em um intervalo de oito anos. o primeiro, em 2010, publicado em um jornal de grande circulação em um sábado, véspera do segundo turno das eleições que fariam Dilma Rousseff substituir Luiz Inácio Lula da Silva na presidência do Brasil. depois, ele integrou o livro mais cotidiano que o cotidiano (2013). o segundo poema foi escrito entre fins de 2015 e início de 2016, durante o processo de impeachment de Dilma como um passo decisivo do golpe então em curso, pertencendo ao megamíni homônimo a ele (2016) e ao livro Para que poetas em tempos de terrorismos? (2017). o terceiro, inédito até aqui em livro, foi escrito em um momento avançado do golpe, com Lula preso e as instituições e as mídias colaborando com o golpe, na semana anterior ao segundo turno que faria Jair Bolsonaro presidente do país. o quarto foi escrito poucas semanas depois do anterior.